

Modelo económico e desenvolvimento

Debate Índia e criação de riqueza Eugénio Viassa Monteiro

A Índia é o exemplo acabado para se entender os efeitos do modelo económico na criação de riqueza e participação cidadã. Desde Nehru a Indira e já menos com Rajiv, viveu-se uma obsessão do “socialismo indiano”, decalcado no soviético, visto como a solução mágica para acabar a pobreza e o atraso infligidos pelo colonialismo. E a Índia foi de pobre a miserável, mas os dirigentes negaram-se a ver o que era evidente para todos: o falhanço do socialismo e a pobreza a alastrar-se. Os jovens formados nas melhores universidades iam-se embora, por não terem trabalho à altura, nem desafios, apesar de quererem ajudar o país.

Foram 43 anos de estagnação, de “controlo” de toda a actividade económica com as *Licences Raj*; e a corrupção a galopar, nas costas da burocracia. Uma economia que partia de níveis irrisórios - desfeita pelos ingleses, a produzir menos de 2,3% da riqueza mundial em 1952, quando em 1700 produzia 22,6%, mais do que a Europa toda - evoluiu a ritmos desprezíveis de 3,5%, quase sem criação de emprego.

Um empresário que lançou a Airtel, telefonia móvel, Sunil B. Mittal, hoje com 250 milhões de clientes na Índia, Ásia e África, trabalhou sob os dois modelos, o ‘socialista’ e o de hoje, de ‘livre-iniciativa’, e as dificuldades por que passou são de rir e chorar... (cfr. site do grupo):

“... Após o sucesso, resolve vender o negócio de bicicletas e de tecelagem, em 1980, por ver que jamais alcançaria um volume de negócios com que sonhava, e muda-se para Mumbai para comerciar aço inoxidável, latão, plásticos e fechos *éclair*, cruzando o país de comboio para visitar os clientes. O negócio era bom, mas o grande êxito dá-se em 1982 quando encontra um vendedor da Suzuki Motors e se faz agente exclusivo de geradores eléctricos. Estes eram marginais para a Suzuki, apenas usados nos carrinhos de gelados. Teve a intuição de que nas cidades indianas, com muitas falhas de electricidade, os geradores seriam de grande utilidade em qualquer casa. E, de facto, as vendas dispararam. Em dois anos, tinha estabelecido uma rede de distribuição nacional, com escritórios em quatro cidades.

“Nessa altura os *big boys* começam a movimentar-se. Em 1984, sem aviso prévio, os burocratas de Delhi anunciam que foram concedidas licenças de fabricação a dois grupos (*Sriram e Birla*). Mesmo que as fábricas levassem anos a começar a produzir, parava, de imediato, a importação de geradores! Todo o seu negócio desabava num instante...”

Mittal busca ideias para sobreviver, indo visitar o Japão e a Coreia do Sul. ‘Aterra’ numa feira em Taiwan onde dá de caras com o telefone de teclas. Na altura, a Índia só os tinha de disco e a nova possibilidade prometia. Em poucos dias já tinha contrato com a empresa de Taiwan.

“Meses depois estava a vender aparelhos com a marca *Mittbrau*, a soar a alemão, que era a forma breve de *Mittal brothers*. O desfecho foi ‘de gargalhada’: tais telefones não constavam da lista dos burocratas como produtos aprovados, portanto não podia importar. Importa o telefone em peças, por Kolkota, Mumbai e Delhi, para o montar em Ludhiana e vendê-lo pelo país. Repetiu-se o êxito estrondoso, como com os geradores Suzuki. Mas foi de curta duração; os burocratas estavam atentos... Ao darem-se conta da ‘finta’, decidem que tal telefone se deve fabricar na Índia, concedendo 52 licenças às firmas bem relacionadas com o poder, ‘esquecendo’ o Sr. Mittal, que só com



A Índia é o exemplo para se entender os efeitos do modelo económico na criação de riqueza



dos 52 ‘licenciados’ continua no negócio!”

Quando muitos se perguntam como é que, de repente, começam a aparecer grandes empresários a comprar e dirigir com mestria uma Arcelor-Mittal, Tata-Corus, Jaguar; a expandirem multinacionais indianas como a TCS, a Mahindra & Mahindra, Ranbaxy, Infosys, Moser Baer, Vedanta, Wipro, Suzlon, Cipla, etc., a resposta parece evidente: antes de 1991, empreender na Índia era uma corrida de obstáculos, na qual cada iniciativa era brindada, pelos burocratas corruptos, com vários problemas que a paralisavam. Quem não desistia ganhava um treino de tal nível que pode ser campeão em qualquer parte do mundo, num ambiente com um mínimo de seriedade e com regras de jogo. Foi o que aconteceu.

Professor da AESE e autor do livro *O Despertar da Índia*; pelo 65.º aniversário da Independência da Índia